



POR QUE A NARRADORA DE CLARICE LISPECTOR É NA CRÔNICA A FAVOR DO MEDO?

WHY NARRATOR OF CLARICE LISPECTOR IS IN CHRONICLE IN FAVOR OF FEAR?

Cristiane de Mesquita Alves*

* crismesquita@ufpa.br

Pós-doutoranda em Língua e Literaturas Espanhola e Hispano-americana na Universidade de São Paulo (São Paulo – SP). Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia/Bolsista PROSUP- CAPES (Belém – PA). Professora Adjunta do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (Belém – PA).

RESUMO: O objetivo deste estudo é apresentar uma análise interpretativa da crônica *A favor do medo*, de Clarice Lispector, no intuito de fazer uma reflexão acerca da questão do assédio feminino e de suas consequências para a mulher na sociedade falocêntrica, a partir das falas e ações da narradora- personagem. Para tanto, este trabalho se organizou com base em uma metodologia qualitativa-bibliográfica nas revisões de literatura de Badinter (2005); Kehl (2016); Bourdieu (2017); Homem/Calligaris (2019), no que concerne à discussão do papel feminino dentro de uma categorização classista na visão do patriarcado; Nunes (1995); Rosenbaum (2006) e Vasquez (2010), a respeito das particularidades da linguagem do texto clariceano e outros pesquisadores, os quais serviram para alicerçar as argumentações pretendidas nessa leitura, a fim de compreender o tema assédio velado nessa faceta da obra da escritora ucraniana-brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica de Clarice; Assédio velado; Mulher.

ABSTRACT: The aim of this study is to present an interpretative analysis of the chronicle *In favor of fear* Clarice Lispector, in order to reflect on the issue of female harassment and its consequences for women in the phallogocentric society, based on the speeches and actions of the narrator- character. To this end, this work was organized based on a qualitative-bibliographic methodology in the literature reviews by Badinter (2005); Kehl (2016); Bourdieu (2017); Homem / Calligaris (2019), regarding the discussion of the female role within a classist categorization in the view of patriarchy; Nunes (1995); Rosenbaum (2006) and Vasquez (2010), regarding the particularities of the language of the Claricean text and other researchers, which served to support the arguments intended in this reading, in order to understand the theme of veiled harassment in this facet of the work by the ukrainian-brazilian writer.

KEYWORDS: Chronicle of Clarice; Veiled harassment; Women.

PARA INTRODUIZIR

A favor do medo é uma das narrativas curtas, ou uma crônica peculiar da escrita de Clarice Lispector, como a própria autora descreveu sua forma de compor histórias neste gênero: “ainda continuo um pouco sem jeito na minha nova função daquilo que não se pode chamar propriamente de crônica” (LISPECTOR, 2010, p. 15). Nessa perspectiva, corrobora-se a apresentação de Pedro Vasquez (2010, p. 11) a respeito da autora quando ele aborda que Clarice foi uma cronista sem igual “e sem sucessores, muito embora outros autores tenham tentado imitar sua sábia mistura de observações das miudezas do cotidiano com os vastos voos do espírito.” Sob esse prisma, vai-se olhar *A favor do medo* na premissa dos textos clariceanos, ou seja, narrativas que aludem a uma visão sublime e escatológica, que provoca e convoca o leitor a compreender a força de sua palavra “demiúrgica de um mundo misterioso [que traz] um olhar crítico atento aos meandros mais sutis de um pensamento que vibra intensamente na linguagem” (ROSENBAUM, 2006, p. 19).

A narrativa monocêntrica – caracterizadora de seus contos e romances –, regada ao aprofundamento introspectivo do eu, e o caráter inacabado da narrativa já apontados como traços da linguagem de Clarice por Benedito Nunes (1995), fazem-se presentes também nessa crônica,

bem como as variações do discurso narrativo, a exemplo do irônico e do cômico, acompanhados de um sadismo e de uma descrença sobre o futuro da mulher, a partir da análise do passado das mulheres das cavernas, feito pela narradora da crônica.

Clarice, embora se autodefinha como “neófito” (LISPECTOR, 2010, p. 16) nesse gênero narrativo marcado pela presença dos fatos do cotidiano – a crônica –, *grosso modo*, consegue se equilibrar entre a subjetividade da psique e a crítica, o banal e o absurdo, mantendo seu olhar na esfera da metáfora, para evitar que o texto se torne um relato jornalístico, adequando-se a lei que estipula que “o ser da literatura não pode jamais ser outra coisa senão sua técnica, a insistência e a liberdade desse canto são os produtos de uma arte exata, que soube simultaneamente medir o campo associativo” (BARTHES, 2018, p. 126). Essa distinção se observa muito bem na crônica em estudo, apesar de narrar uma experiência feminina frente a uma ação de assédio, de constrangimento e de medo.

Há nesse texto, então, e nos muitos outros da escritora, a linguagem literária de “murmurar – entendido” para um leitor atento às artimanhas e aos dramas da linguagem de Clarice (NUNES, 1995), o caçar sentidos, desvendar o que se diz em relação a ela – o apreender o hermetismo,

já que a Literatura em si mesma é uma distância “aberta no interior da linguagem, uma distância incessantemente percorrida e que nunca é realmente transportada; enfim, a literatura [...] oscila sobre si mesma” (FOUCAULT, 2016, p. 82), uma vez que ela transcende do expressar o que é o sentimento humano, o que é sua natureza e, muitas vezes, o incompreendido, o inesperado, e, também, o desumano acabam por ficar mais claros pelas metáforas que provêm da clareza do literário. Isso pode ser observado na narração da crônica, quando a narradora-personagem presencia a ação de assédio velado, começando a fazer uma trajetória memorialística das mulheres que foram inclusive mortas, ou propícias a morrer devido a um encontro mal sucedido.

Desse modo, este artigo se organizou, além da introdução, de uma parte que apresenta ao leitor uma síntese da crônica, seguida de uma análise literária, no percurso de determinados referenciais teóricos feministas, literários e sociológicos, para entender de que forma esta crônica de Clarice foi lida como uma narrativa curta, que denuncia uma violência contra a mulher ou alude a uma futura violência contra a mulher, quando esta recusa um passeio, um encontro ou não corresponde a uma cantada, sentindo-se constrangida diante de uma situação de assédio.

Na sequência, algumas considerações conclusivas desta breve investigação e suas referências.

O ASSÉDIO VELADO E O MEDO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA CRÔNICA DE CLARICE

A crônica inicia com uma leitura da herança patriarcal de que todas as mulheres nasceram para servir ou correlacionar sua vida a de um homem, de quem, em certo momento, sofreram algum tipo de investida ameaçadora, fazendo com que o medo circunde este tipo de relacionamento e implantando nas mulheres um pavor implícito do falo, gradativamente imposto a elas no decorrer da História: “Estou certa de que através da Idade da Pedra fui exatamente maltratada pelo amor de algum homem. Data desse tempo um certo pavor que é secreto.” (LISPECTOR, 2010, p. 21).

É em referência a esse pavor que a narradora descreve *A favor do medo*. O enredo é simples, o espaço aparentemente deveria ser um lugar público. O tempo dura uma noite. A mulher que conta estava sentada conversando com um homem polido, civilizado, cavalheiro – adjetivos a partir dos quais, em uma primeira leitura, não se teria como duvidar, sentir, ou imaginar algum tipo de ameaça vinda daquele tipo estereotipado de bom sujeito social. Mas a expectativa da mulher é desmistificada quando aquele

homem a convida para dar um passeio, na verdade, “*passéito*” (LISPECTOR, 2010, p. 21). O uso no diminutivo da palavra passeio, beirando a um portunhol, além da carga semântica interpretada pela mulher como “segundas intenções”, fez com que ela levantasse diversas hipóteses para explicar o que aquele homem, aparentemente educado e sem levantar suspeitas, queria de fato com ela. A primeira passagem que se destaca nesta análise é:

Por que *passéito* jamais tive tempo de saber. Pois que imediatamente, da altura de milhares de séculos, rolou em fragor a primeira pedra de uma avalanche: meu coração. Quem? Quem já me levou na Idade da Pedra para um *passéito* do qual nunca mais voltei porque lá morando fiquei? Não sei que elemento de terror existirá na delicadeza monstruosa da palavra *passéito*. (LISPECTOR, 2010, p. 21- 22).

O convite é recebido pela personagem como uma ação paradoxal, em um misto de delicadeza, por parte do cavalheiro e, pelo uso da expressão não ter sido direto e em bom tom, passeio, a carga semântica e pejorativa de um *passéiozinho*, o qual poderia lhe trazer consequências negativas, inclusive físicas. Isso faz com que ela compare essa relação fugidia e fluida às das mulheres das cavernas, tendo em vista o modo como eram tratadas pelos homens. Esse pensamento, de que, no passado, o eu narrativo já

havia sido machucado por algum homem, perpassa toda a narrativa. Como se ela quisesse se convencer de que ela deveria ter medo, terror, pavor, de homens que aparecem quando mulheres estão quietas, comendo as goiabinhas em uma noite cálida – mesmo os mais cavalheiros atrevem-se a convidá-las a dar um *passéito*.

Ao fazer uma justificativa para se convencer da certeza de ter medo dessas ações masculinas, a narradora parece recorrer à ideia de que as mulheres precisam ter consciência da violência contra elas e de que todas estão expostas a sofrer dentro de uma sociedade estruturalizada pelo androcentrismo. Isso é importante porque “na história ou no cotidiano, a violência feminina é difícil de desencavar. Não que ela não exista. [...] Trata-se, simplesmente, de que por muito tempo ela tem sido ignorada ou mitigada” (BADINTER, 2005, p. 76). Sendo assim, deve partir das mulheres a prevenção e a denúncia para que esta violência não se torne um apagamento delas mesmas, no sentido literal.

Nesse âmbito, outro pensamento que paira sobre essa sensação de sentir pavor da investida do *passéito* é o de que “a nossa cultura é fundada não apenas no domínio sobre as mulheres, mas no ódio pelas mulheres” (HOMEM; CALLIGARIS, 2019, p. 15), ódio que se sustenta e

se visualiza na violência dos homens contra as mulheres, como um modo destes demonstrarem posse sobre o corpo feminino e vê-lo como mais um de seus objetos. A força da ordem “masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção [...] a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (BOURDIEU, 2017, p. 18). Talvez por esse motivo a narradora se autossensibiliza a sentir medo dessa força e ação masculinas legitimadas pela sociedade, para se autoprotger em sua condição feminina. Porque nessa categorização de macho e fêmea, em que a fêmea é propriedade do macho, no decorrer do discurso do patriarcado, o fato de ser mulher já a coloca na condição de presa a ser devorada pelo homem. Essa associação pode ser exemplificada na crônica de Clarice no trecho: “*Passeíto?* Assim também diziam para o Chapeuzinho Vermelho, que esta só mais tarde cuidou de se cuidar. ‘Vou é me acautelar, por via das dúvidas debaixo das folhas hei de morar’ – de onde me vinha essa toada? Não sei, mas boca de povo em Pernambuco não erra” (LISPECTOR, 2010, p. 22, grifos da autora).

Pela descrição, se não querem ter o mesmo destino de Chapeuzinho Vermelho – mulher – no conto de fadas tradicional, devorada pelo lobo – homem –, cabe a prevenção. Vale ressaltar outra vertente da narrativa subversiva

pela escrita amargo-crítica de Clarice em relação ao comportamento feminino, que pode até ser entendida por um leitor mais atento como tom de ironia, no excerto:

Que me desculpe o Homem que talvez se reconheça neste relato de um medo. Mas nem tenha ele dúvida de que eu deveria tomar o convite pelo que ele na verdade devia ser, igual a ter me mandado antes rosas: uma gentileza, a noite estava tépida, ele tinha carro à porta. E nem tenha dúvida de que – na simplória divisão a que os séculos me obrigaram entre o bem e o mal – sei que ele era Homem Bom Caverna Direita Só Cinco Mulheres Não Bate Nenhuma Todas Contentes. E por favor me entenda – apelo para o seu bom humor – sei que homem de fronteira, como ele, usa com simplicidade a palavra passeíto, o que para mim, no entanto, teve a terrível ameaça de uma doçura. Agradeço-lhe exatamente essa palavra que, por ser nova para mim, veio me dar o bom escândalo. (LISPECTOR, 2010, p. 23, grifos meus).

Observa-se que os fragmentos destacados são usados de maneira sábia ou irônica pela descrição do “relato de um medo” (LISPECTOR, 2010, p. 23) da narradora, para que ela justifique sua maneira de pensar e explicar o fato de sentir medo de convites para sair/passear com um “Homem Bom Caverna Direita” (LISPECTOR, 2010, p. 23). Se ele fosse direito mesmo, que ficasse na fronteira entre

o bom moço e um suposto canalha ou aproveitador, que quisesse legitimar sua ação androcêntrica na categorização do macho superior de dominação masculina discutida por Bourdieu (2017), que ele soubesse encarar a mulher em sua condição de fêmea, singularizada na versão de recatada e do lar, ironicamente empregada pela expressão: “mandado antes rosas: uma gentileza” (LISPECTOR, 2010, p. 23).

Interessante como a escrita de Clarice zomba dos traços identitários de sexos biológicos, categorizados, patriarcalistas, impostos por esta sociedade. Clarice, ao defender o medo das mulheres nessas investidas masculinas, traz à crônica o questionamento sobre as identidades feminina e masculina, as quais “são composições significantes que procuram se manter distintas, nas quais se supõe que se alistem os sujeitos, de forma mais ou menos rígida, dependendo da maior ou da menor rigidez da trama simbólica característica de cada sociedade” (KEHL, 2016, p. 23).

Essa parte da narrativa beira a uma linguagem de humor sádico, aproximando-se do típico “sadismo – constitutivo da gênese do eu – articula-se ao tema maior da obra clariciana: a construção da subjetividade” (ROSENBAUM, 2006, p. 19), ao apresentar ao leitor o relato de um medo de uma mulher que ficou parada e receosa com o

convite inusitado – e ao mesmo tempo escandaloso – vindo de um homem com aquelas aparências: de cavalheiro.

Essa discussão é alicerçada dentro desse pequeno cenário social em que a narradora está inserida. Se este homem tem a descrição de um cavalheiro, por que não a veria como uma dama e a respeitaria? Por que olhar o seu corpo feminino, como um corpo para apenas um *passéito*? Como se verifica no trecho: “Expliquei ao Homem que não podia dar o *passéito*, **fina que sou**. Séculos adestraram-me, e hoje sou **uma fina entre as finas**, mesmo como no caso, sem necessitar, por via das dúvidas debaixo das folhas hei de morar” (LISPECTOR, 2010, p. 23, grifos meus).

Ao se caracterizar como fina, assim como outras mulheres, a narradora se espanta e se ofende intimamente com aquele convite, mesmo que não tenha a certeza da intencionalidade do homem. Põe em questionamento o próprio papel identitário feminino edificado por esta sociedade que categorizou uma função social para os corpos das mulheres pautada nas:

representações sociais [que] serão inseridas e cobradas, principalmente, no papel *honroso* de mulheres mães, esposas virtuosas e rainhas do lar, atribuído a elas, sem levar em conta que elas também se constituem sujeitos, e seus anseios foram

considerados fora do lugar social, na construção da feminilidade, elaborada pelos homens. (ALVES, 2019, p. 118, grifo da autora).

O discurso da feminilidade produzido em maior quantidade na cultura europeia/patriarcal dos séculos XVII e XIX promoveu uma adequação entre as mulheres e o conjunto de atributos, funções, predicados e restrições, os quais seriam responsáveis por estabelecer a denominada *feminilidade*. A ideia de que as mulheres formariam um conjunto de sujeitos definidos a partir de que a “‘natureza feminina’ precisaria ser domada pela sociedade e pela educação para que as mulheres pudessem cumprir o destino ao qual estariam naturalmente designadas” (KEHL, 2016, p. 40, grifo da autora). Entre essas designações, está a perpetuação da servidão ao homem desde o contexto da Idade da Pedra, ironizado pela narrativa de Clarice. Um trecho da crônica chama uma sinuosa e sutil atenção, à moda clariceana, para esta situação:

O Homem, esse não insistiu, se bem que não me pareça poder dizer com verdade que ele se agradou. Defrontamo-nos por menos de um átimo de segundo – com o decorrer dos milênios, eu e o Homem fomo-nos compreendendo cada vez melhor, e hoje menos de um átimo de segundo nos chega, defrontamo-nos, e o *não*, apesar de balbuciado,

ecoou escandalosamente contra as paredes da caverna que sempre favoreceram mais às vontades do Homem. Depois que o Homem imediatamente se retirou, eis-me salvaguardada e ainda assustada. Por um triz um *passéito* onde eu talvez perdesse a vida? Hoje em dia sempre se perde a vida à toa. Retirando-se o Homem, percebi então que estava toda alegre, toda vivificada. Oh, não por causa do convite ao passeio, nós todas temos sido durante milênios continuamente convidadas a passeios, estamos habituadas e contentes, raramente açoitadas. Estava alegre e revolucionada – mas era pelo medo. Pois sou a favor do medo. (LISPECTOR, 2010, p. 23-24).

A reação do homem é de descontentamento e de uma revolta íntima, *grosso modo*, civilizada, exemplificada pelo seu balbuciamiento - além de um ego masculino machucado por não fazer ou não ter o controle da mulher e não ter suas vontades satisfeitas. Viu seus princípios masculinos construídos socialmente afetados pelo **não** daquela mulher. Achou-se na ilusão paradisíaca da perfeição sendo destruída do imaginário falocêntrico que tem constituído a premissa de que “os homens têm acalentado a fantasia de subjugar o mundo a seus caprichos, movendo-se nutridos pela crença da superioridade, princípio pelo qual serão socializados” (NOLASCO, 1995, p. 98). Diante desse **não**, a mulher- narradora da crônica

ainda aponta duas circunstâncias: 1) de que estava feliz e se sentindo revolucionada/ por desacatar um papel social pré-estabelecido por aquele espaço social e 2) recorre a memória ou denuncia a violência que muitas mulheres sofreram ao longo da História – por terem aceitado o convite deste tipo de passeio.

O tom irônico maior nessa curta história clariceana se dá na reflexão de que na “cultura ocidental, a figura feminina é uma projeção dos desejos que o homem não conseguiria controlar. Ou seja, é graças a ela que o homem pode justificar o mal que tem em si. E, então, ele domina, enfia no porão, tortura, queima, enforca, afoga, mata a mulher” (HOMEM; CALLIGARIS, 2019, p. 17). Na crônica *A favor do medo*, essa cultura do ódio e da violência contra a mulher ganha mais uma exemplificação no excerto:

É, mas ter um coração de esguelha é que está certo: é faro, direção de ventos, sabedoria, esperteza de instinto, experiência de mortes, adivinhação em lagos, desadaptação inquietantemente feliz, pois descubro que ser desadaptada é a minha fonte. Pois bem se sabe que vai chover muito quando os mosquitos anunciam, e cortar minha cabeleira em lua nova dá-lhe de novo as forças, dizer um nome que não ousar traz atraso e muita desgraça, amarrar o diabo com linha vermelha no pé do móvel tem pelo menos amarrado os meus demônios. E sei

– com meu coração que por nunca ter ousado expor-se no centro, e há séculos, mantém-se em sombra à esquerda -, bem sei que o Homem é um ser tão estranho a si mesmo que, só por ser inocente, é natural.

Não, quem tem razão é este meu coração indireto, mesmo que os fatos me desmintam diretamente. *Passeíto* dá morte certa, e a cara espantada fica de olho vidrado olhando para a lua cheia de si. (LISPECTOR, 2010, p. 25).

A narradora expõe a resposta para a pergunta que se atreveu a fazer no título desta escrita: Por que *A favor do medo*? De modo geral, além de reflexiva, de denúncia e de prevenção, esta pequena história de Lispector tem como finalidade uma representação feminina. Isso corrobora ao que Yudith Rosenbaum (2006, p. 23) reconhece no que diz respeito ao texto que Clarice escreve; em Clarice, essa escrita “sugestiva e flutuante, tão volátil e hesitante que tende ao silêncio quanto mais almeja representar. A palavra [...] é alvo também de ataques sádicos de uma consciência desconfiada da própria veracidade de uma narração.” A desconfiança também é retratada como uma característica da narradora-personagem:

Então certos medos – aqueles não mesquinhos e que têm raiz de raça inextirpável – têm-me dado a minha mais incompreensível

realidade. A ilogicidade de meus dedos me tem encantado, dá-me uma aura que até me encabula. Mal consigo esconder, sob a sorridente modéstia, meu grande poder de cair em medos. Mas no caso deste medo particular, pergunto-me de novo o que me terá acontecido na Idade da Pedra? Algo natural não foi, ou eu não teria conservado até hoje esse olhar de lado, e não me teria tornado delicadamente invisível, assumindo sonsa a cor das sombras e dos verdes, andando sempre do lado de dentro das calçadas, e com falso andar seco. Algo natural não terá sido, posto que, sendo eu por força e sem escolha uma natural, o natural não me teria assustado. Ou já então – na própria idade das cavernas que ainda hoje é o meu mais secreto lar – ou já então eu fiz uma neurose sobre o natural de um *passéito*? (LISPECTOR, 2010, p. 24-25).

A necessidade de sentir medo, além de ser instintivo na mulher, justifica-se pela própria História de violências contra a mulher. Elisabeth Badinter (2005) alerta que homens e mulheres: “estão sujeitos a essa patologia porque a violência faz parte da humanidade. Aprendemos mais ou menos a canalizá-la, mas não faltam ocasiões de frustrações e conflitos que submetem a uma dura prova a nossa observância das proibições” (BADINTER, 2005, p. 89).

Nesse ínterim, não custa a prevenção e a intuição femininas, o medo de se resguardar para evitar ser a próxima

vítima de mais uma estatística na página da História. Por este prisma, vale ressaltar a importância do medo e compreender porque a narrativa de Clarice defende esse sentimento ou essa sensação como uma forma de proteção feminina, uma vez que “A violência escapa a nosso controle, no pior dos casos, pelos gestos e, no melhor, pelas palavras” (BADINTER, 2005, p. 89).

Partindo-se dessa consideração, o melhor das defesas pelas palavras, com maestria, tem-se no texto de Lispector, isto é, pelos gestos e por palavras, pode-se denunciar um mal. Na escrita de Clarice a tentação do mal “mostra-se às claras, sem pudor, sem remorso. No entanto, o mal se oculta, mascara-se, pulsa latente” (ROSENBAUM, 2006, p. 23). Essa demonstração, a todo momento na crônica, é indiciada seja pela apresentação do tipo de homem, seja pelo uso da palavra ou sua intencionalidade, das associações dela (narradora- personagem), das outras mulheres, das outras vidas metaforizadas no período da Idade da Pedra.

Clarice explora nessa crônica um recorte da realidade social de uma mulher, a partir de uma situação banal, cotidiana, para denunciar também uma realidade em que muitas mulheres estão pré-dispostas a conviver ou a passar em alguma situação da vida, mesmo pelo olhar

da ficção. Mas a Literatura está aí para ser uma releitura também da vida. Assim, em se tratando de literatura produzida por Clarice Lispector, é uma literatura profunda, intensa e, muitas vezes, com teor amargo, manifestado pelo sadismo/ironia para representar a rotina da vida.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Diante dessas reflexões acerca do tema abordado na crônica *A favor do medo*, pontua-se algumas notas conclusivas, para uma avaliação da leitura que se fez dessa curta narrativa de Clarice, bem como se atreve, *a priori*, a deixar uma possibilidade de resposta mais direta, para uma possível compreensão da análise literária que se propôs, neste artigo, interpretar.

Esta pesquisa se organizou na ótica de entender esse olhar voltado para discutir o assédio, da possível denúncia de violência contra a mulher na crônica de Clarice – não só no contexto em que a escritora criou a personagem em si, mas também considerar este tema nos debates atuais em relação à mulher da realidade para o modelo da ficção – pois ela não está tão diferente dos momentos e acontecimentos que a personagem narradora e protagonista da crônica viveu, no que tange às investidas de um *passéito* que poderia trazer consequências desastrosas para a mulher. À guisa disso, se pensar nas passagens

em que se destacou na análise do artigo – direcionadas a exemplificar tais circunstâncias de violências nas quais mulheres estão sujeitas, independentemente, se o homem é um cavalheiro ou não; para *passéitos* intencionais, as mulheres não estão seguras.

Nesse caso, a prevenção é indicada pela narradora-personagem como uma forma de ter e de manter o medo como uma maneira de proteção. Sendo assim, quando se sugeriu, no título desse estudo, o porquê a narradora dessa crônica seria a favor do medo, pensou-se justamente nessa possibilidade de prevenção da violência doméstica contra os corpos femininos, condicionados a uma legitimidade de posse de objeto por uma sociedade machista que não aceita, com cautela e respeito, a decisão da mulher em dizer **não** a uma possível situação de risco, alertada pelo eu da mulher narradora, que não deixou seu instinto e nem esqueceu e/ou ignorou a História das mulheres que outrora não se preveniram com o medo, com o afastamento e que tiveram as conjunturas sociais favoráveis apenas para aquele portador do corpo macho social.

Essa representação da insatisfação androcêntrica é vista na narrativa pelos balbucios do homem e pela condição de cavalheiro – haja vista que não se poderia esperar, numa primeira impressão, uma violência verbalizada maior.

Embora se tenha essa interpretação de leitura no que diz respeito à recepção do homem perante o **não** da mulher, essa negativa continua expressiva no que concerne à questão de a mulher dizer **não**. Ele não aceita esse **não**, por esse motivo, a narradora alerta quem a lê e descreve o tipo de homem que a convidou para o *passéio*. Então, nesse caso, vale o medo, por isso ela é a favor do medo.

É interessante recordar nesse caminho de término de análise a palavra *passéio*. O destaque ao longo do artigo não se deve apenas a uma nota formal por ser uma palavra próxima ao estrangeirismo, um portunhol, por exemplo. Além de enfatizado assim pela própria autora da crônica. Para este estudo, mirou seu uso no sentido, *grosso modo*, de segundas intenções, dentre elas, até uma leitura voltada à questão sexual, relacionamento passageiro, sem vínculos. Para esta interpretação, ancorou-se no trecho em que a narradora se demonstrou entre a encabulação e a indignação do convite, visto que ela era autotranscrita como uma dama e, mesmo que não fosse, as mulheres não deveriam ser tratadas por uma palavra cuja nomenclatura causa estranhamento, duplos sentidos ou duplas intenções.

Logo, diante dessas considerações, em relação ao que se deve fazer em situações de riscos, assédios e violências

contra a mulher, o mais prudente é sentir medo, pois o medo, na crônica de Clarice, por mais que possa aparentemente ser uma neurose ou uma simples fantasia, ele é sentenciado como uma arma de prevenção a futuras violências, para evitar o que outras mulheres, no passado, sofreram.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. M. As aulas de sedução de Clarice Lispector para mulheres. In: IV Colóquio Internacional Literatura e Gênero e I Colóquio de Imprensa Feminina. MENDES, A. M; et al (Orgs). **Anais do IV Colóquio Internacional Literatura e Gênero e o I Colóquio de Imprensa Feminina**. Teresina, PI: FUESPI, Campus Poeta Torquato Neto, 2019. P. 115- 124. Disponível em: <<https://icilg.uespi.br/download/anais2018.pdf?013511>>. Acesso em 22 maio. 2022.
- BADINTER, E. **Rumo equivocado**: o feminismo e alguns destinos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BARTHES, R. A metáfora do olho. In: BATAILLE, G. **História do olho**. Trad. Eliane Robert Moraes. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 14ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

FOUCAULT, M. **A grande estrangeira**: sobre literatura. Trad. Fernando Scheibe. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

HOMEM, M; CALLIGARIS, C. **Coisas de menina?** Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo. Campinas, São Paulo: Papyrus, 7 Mares, 2019. (Coleção Papyrus Debates)

KEHL, M. R. **Deslocamentos do Feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LISPECTOR, C. A favor do medo. In: LISPECTOR, C. **Crônicas para jovens**: de amor e amizade. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco Leitores Jovens, 2010.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NUNES, B. **O drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1995.

ROSENBAUM, Y. **Metamorfoses do mal**: uma leitura de Clarice Lispector. 1ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2006.

VASQUEZ, P. K. Apresentação de amor e amizade. In: LISPECTOR, C. **Crônicas para jovens**: de amor e amizade. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco Leitores Jovens, 2010.

Recebido em: 22-05-2022

Aceito em: 04-11-2022